

# OS JESUITAS.

HISTORIA, TYPOS, COSTUMES,  
MYSTERIOS,

POR

M. A. ARNOULD.

TOMO PRIMEIRO.



RIO DE JANEIRO,

TYP. DE M. A. DA SILVA LIMA, RUA DE S. JOSÉ N. 8.

—  
1847.

Ordena tambem que a casa em que nascera seja arrasada, sendo seu senhorio previamente indemnizado; não podendo-se para o futuro em seu solo erigir outro edificio; e que dentro de quinze dias depois da publicação da presente sentença, seu pai e sua mãe deverão sahir para fóra do reino, sendo-lhes prohibido voltar, sob pena de serem enforcados e estrangulados, sem remissão nem agravo.

Igualmente prohibe a todos os seus irmãos, irmãs, thios, e quaesquer parentes, usarem do nome de Ravailiac; convida-os a que o mudem, incorrendo nas mesmas penas em caso de desobediencia.

E ao substituto do procurador geral do rei compete mandar publicar e executar esta sentença, sob pena de responsabilidade e privação do officio.

Antes da execução do réo, seja este submettido ás torturas para revelação de seus complices.

Lida e executada a 27 de maio de 1610.

Assignado—VOYSIN.

### PROCESSO VERBAL

DAS TORTURAS QUE SOFFREU O RÉO RAVAILLAC, E DO QUE SE PASSOU ANTES E DEPOIS DO SUPPLICIO NA PRAÇA DE GRÈVE.

Em presença de todos os Senhores presidente e muitos conselheiros foi chamado Francisco Ravailiac, accusado por ter assassinado o fallecido rei; e pondo-se de joelhos, foi-lhe pelo escrivão lida a sentença contra elle proferida, e que para revelar seus complices iam ser-lhe applicadas as torturas; e prestado o juramento:

*É exhortado primeiramente a eximir-se dos tormentos declarando a verdade, quem o havia induzido, e o consolidado em semelhante attentado, e a quem o communicara e confiára:*

Respondeu que pela condemnação de sua alma pessoa alguma soube de nada.

Deu-se ordem de applicar-se-lhe o tormento dos borzequins. (1)

Exclamou que Deos tivesse compaixão de sua alma, perdoasse seu crime, e que não encobriera pessoa alguma, o que reiterava com as mesmas denegações, como quando foi interrogado.

(1) O tormento dos borzequins, conforme foi applicado a Ravailiac compunha-se de quatro pequenas pranchas fortes e grossas, dispostas de modo que cada perna se achasse entre duas taboas. Amarravam o todo com uma corda rija; tomavam depois cunhas de ferro que faziam entrar a golpes de martello entre as duas pranchas collocadas uma ao lado de outra. As unhas são successivamente postas de sorte que os executores possam graduar o soffrimento, e parar por intervallos ou continuar e augmentar ainda o supplicio conforme o paciente pede querer fazer declarações, ou persiste em calar-se. A medida que batem, diz um historiador, isto aperta de um modo tão horrivel, que se tem visto rebentar os ossos e sahir a medulla.

*Posta a segunda cunha :*

Com grandes gritos e clamores disse: Sou peccador, não sei mais coisa alguma, pelo juramento que prestei devo obedecer a Deos e á côrte.

*Continuaram a bater na segunda cunha ;* Exclamou: Meu Deos, considerai esta penitencia como expiação dos meus grandes peccados neste mundo. Oh Deos! recebei este martyrio em satisfação de meus peccados. Pela fé que ponho em Deos, nada mais sei, e não façacs desesperar minha alma.

*Pozeram em baixo dos pés a terceira cunha ; Ficou todo alagado em suor, e como que pasmado, deram-lhe vinho a beber, não o quiz, ficando sem falla, foi alliviado dos tratos, e depejaram-lhe agua, dando-se-lhe depois vinho a beber.*

Recobrando o uso da falla, foi collocado em um colção no mesmo lugar, onde ficou até o meio dia ; recuperando as forças, foi conduzido pelo executor á capella, onde o ligou, e foram chamados os doutores Filesac e Gamaches.

*Trouxeram-lhe o jantar.*

Antes de entrar em conferencia com os doutores, foi pelo escrivão admoestado a declarar a pura verdade, podendo por tal meio salvar-se, quem o havia induzido, excitado e consolidado a praticar o execrando acto, de ha muito projectado, havendo razões para crer que só elle não o havia emprehendido, sem o haver communicado a alguem.

*Ao que respondeu :*

Que elle seria muito miseravel em occultar, o que mais soubesse além do que declarou á côrte. sabendo que não podia obter a misericordia divina que esperava, occultando a verdade, e assim não quere-ria soffrer os tormentos que recebeu ; se mais soubesse, tel-o-ia de-clarado ; e que tentado pelo diabo commettera uma tão grande falta, pedindo perdão ao rei, á rainha, á côrte e a todo o mundo, e que igualmente rogassem a Deos por elle, e que o seu corpo soffresse o martyrio para salvação de sua alma.

*Sendo ainda convidado pelo dito escrivão.*

Nada mais fez do que repetir o que havia dito, deixaram-o depois a sós com os doutores para que estes fizessem o que lhes competia. . .

Pouco depois das duas horas os doutores mandaram chamar o es-crivão, e disseram-lhe, que o condemnado os havia incumbido de mandal-o ver, para lhe assignar a confissão que fizera, querendo mesmo que fosse impressa, afim de em toda a parte ter-se della co-nhecimento.

Os doutores declararam que a confissão era a seguinte :

Que só o réo havia perpetrado o delicto.

Não tinha sido rogado, sollicitado, nem induzido por pessoa alguma.

Reconhecendo, como o dissera perante a côrte, que tinha commettido um grande crime, pelo que confiava na misericordia divina, sendo elle tão grande peccador; e que se não contasse com ella, por certo se calaria.....

.....  
As tres horas, saindo da capella, começaram os presos a gritar: *Malvado! traidor!*... e outras injurias semelhantes. A não serem os archeiros, e os officiaes de justiça que armados serviram de obstaculo, elles o teriam esmagado.

Saindo da prisão para subir ao carro, e achando-se o povo apinhado em todos os lugares de sorte que era difficil aos archeiros e officiaes de justiça transitarem pela praça; uns gritavam: *Malvado!*... outros: *Assassino!*... *Traidor!*... e outras palavras injuriosas e infamantes; esforçando-se por lançarem-se sobre elle, sendo obstados pelas guardas que o escoltavam.

Procedeu-se depois á leitura da sentença, carregando-se nas palavras: *Matou o rei com facadas*, de novo começaram os gritos, e os opprobrios, que continuaram até a cathedral de Paris, onde os clamores e gritos fizeram-se ouvir como na occasião da leitura da sentença, que primeiramente foi executada por meio da confissão publica do delicto; foi depois o réo conduzido á praça de Grève, recebendo no caminho as mesmas injurias e gritos de indignação, do descontentamento geral, querendo muitos lançar-se a elle.....

.....  
Chegado á praça de Grève, antes de descer do carro para subir ao cadafalso, foi ainda admoestado a dizer mais alguma cousa; mas reiterou as precedentes declarações, e as supplicas ao rei, á rainha, a todos emfim, que lhe perdoassem o grande crime que havia commettido, e rogassem a Deos por elle; continuava o povo com injurias e palavras de indignação.

Logo que subio ao cadafalso, foi consolado e exhortado pelos doutores, que terminando o que lhes competia, o escrivão fazendo-lhe vêr reiteradas vezes que uma vez que ia morrer devia pensar na salvação de sua alma, para o que dissesse toda a verdade; nada mais respondeu além do que havia dito precedentemente.

*Pondo-se fogo no braço em cuja mão estava a faca.*

Gritou por Deos, e muitas vezes disse: *Jesus Maria!*.... Sendo depois atanzado.

Reiterou os gritos e supplicas.

Depois do que, foi ainda convidado a dizer a verdade, nada disse

demais; e o povo continuava a injurial-o e com grande motim a gritar; **Deixem-o penar.**

*Depois lançaram chumbo derretido e azeite nas chagas, provenientes de ter sido atanzado. Continuou altamente a gritar.*

Nessa ocasião, os doutores de novo lhe fallaram; e, convidados pelo escrivão, dirigiram pelo condemnado as preces do costume, em pé e descubertos.

Mas todo o povo, em completo motim, clamava contra elles, dizendo que não se devia rogar por um malvado, condemnado, e outras semelhantes palavras, de sorte que foram obrigados a calarem-se, e quando o escrivão representava-lhe como a indignação do povo o considerava, e que dest'arte o obrigava a revelar toda a verdade: continuou a dizer que só elle tomára parte no attentado.

*Arrastado pelos cavallos cerca de meia hora, parando-se por intervallos; perguntado e instado, persistio em suas denegações; e as pessoas de todas as classes que estavam proximas e afastadas, continuaram seus clamores e testemunhos de resentimento de desgraça pela perda do rei; muitos puzavam as cordas com tal ardor, de sorte que um fidalgo que estava proximo, substituiu um dos cavallos que puzavam pelo seu.*

E quando Ravailac estava para expirar, julgaram ouvir-lhe estas palavras:

Enganaram-me. . . . o povo. . . . não queria. . . . a morte do rei!

Porém não era mais tempo de o fazer fallar. . . . de tornal-o á vida. . . porque, nessa ocasião, arrastado por espaço de uma hora sem ficar desmembrado, Francisco Ravailac deu alma a Deos murmurando estas tres palavras.

E logo que foi desmembrado, o carrasco dividio o corpo em quatro partes, pessoas de todas as classes arremeçavam-se com espadas, facas, bastões, e outros instrumentos proprios a cortar, despedaçar os membros, e os pozeram em pedaços, arrebatando-os ao executor, arrastando-os aqui e acolá pelas ruas, por todas as partes, com tal furia, que nada os podia ter mão, e queimaram os pedaços em diversos lugares da cidade. . .

E alguns aldeões dos contornos de Paris tendo achado meio de obterem alguns pedaços, e entranhas, bruscamente as arrastaram até suas aldéas.

O escrivão Voysin não exarou tudo no processo verbal; não disse que Ravailac expirando dictou-lhes novas declarações; que elle escrivão ajoelhou-se junto ao cadafalso para escrevel-as e que depois da execução este appendice ao processo verbal desapareceu inteiramente. Todos os escriptores da época são concordes em citar o facto seguinte:

segundo uns, as ultimas revelações de Ravaillac ficaram em sigillo na corte; segundo outros o escrivão, tomando nota do que dizia o homem que expirava no meio dos tormentos, estava de tal modo perturbado e atemorizado, que escreveu de modo que se não podia ler, e que foi-lhe impossivel recordar-se de uma só palavra.

No mesmo dia do supplicio de Ravaillac, seu pai e sua mãe foram exillados da França.

O cadaver de uma mulher foi encontrado no Seine pelos barqueiros, era o de Magdalena!

O padre d'Aubigny empregado no curato de S. Severino, continuava a firmar os fieis por meio de sua ineffavel devoção; o padre Cutton nada soffreu em sua reputação para com a côrte, e então os reverendos padres trabalharam secretamente para obterem a revogação do edicto de Nantes. A obra foi longa e paciente: por fim triumpharam e Luiz XIV, tão magnanimo como era, teve medo dos jesuitas, não quiz morrer como Henrique IV!

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.